

# A Revolução é o freio de emergência: ensaios sobre Walter Benjamin

MICHAEL LÖWY

São Paulo: Autonomia Literária, 2019. 154p.

Beatriz Moreira da Gama Malcher\*

Na tese VI “Sobre o conceito de história”, Walter Benjamin diz caber a cada época arrancar a tradição do conformismo ao qual ela se encontra na iminência de ser subjugada. Mal sabia o filósofo que, passados oitenta anos de sua morte, sua obra seria parte constitutiva da tradição do pensamento ocidental e, como toda a tradição, ela estaria em risco. Levando-se em conta certo esvaziamento da componente dialética, em alguns casos, e messiânica, em outros, não faltam exemplos de intérpretes alinhados a uma constelação teórica pós-moderna e anti-materialista que vêm subvertendo a obra de um dos principais críticos marxistas e transformando-a justamente naquilo que ele mais temia: um instrumento da classe dominante. Diante deste cenário, Michael Löwy parece tomar para si a tarefa do materialista histórico de livrar a tradição do conformismo, resgatando a potência revolucionária e crítica do filósofo alemão. A coletânea de ensaios *La révolution est le frein d'urgence*, recém-lançada em português pela Autonomia Literária, com tradução cuidadosa do professor Paolo Colosso, é um atestado da potência interpretativa do sociólogo.

Os nove ensaios que compõe a edição parecem resumir a longa trajetória de estudos de Löwy sobre a obra de Benjamin e, quando lidos em conjunto, demons-

---

\* Doutora em Teoria Literária pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: malcher.beatriz@gmail.com

tram como a heterodoxia do filósofo alemão, caracterizado por Adorno como distante de todas as correntes, comprova sua natureza eminentemente dialética: o que tantos intérpretes veem como um conflito negativo a ser resolvido seria, para Löwy justamente o ganho de Benjamin em sua busca por um materialismo histórico que, sensível à dimensão mágica das culturas pré-modernas, poderia aniquilar a teleologia e a ideologia do progresso. Löwy diagnostica no hibridismo benjaminiano a síntese de um processo que tensiona messianismo judaico e materialismo histórico; romantismo anticapitalista e materialismo antropológico; anarquismo e marxismo; weberianismo e cabala; pessimismo e iluminação profana; dentre outros. Ou seja, como Löwy propõe brevemente no “Prefácio”, a reinterpretção heterodoxa do marxismo e do messianismo judaico serviria à filosofia de Benjamin para uma nova definição de revolução “como ‘freio de emergência’ de um mundo que corre sobretudo como ‘uma locomotiva da história mundial’” (p.9).

Os primeiros ensaios da coletânea vão apresentar justamente essas várias facetas do filósofo. No ensaio inicial, Löwy analisa o texto “O capitalismo como religião” e, a partir dele, demonstra uma influência dos escritos weberianos no jovem Benjamin. Escrito em 1921, um Benjamin ainda distante da tradição marxista já respondia indiretamente ao materialismo mecanicista que, ao separar de maneira estanque matéria e “espírito”, não conseguia dar conta do sentido imaterial e religioso que a matéria (o capital) teria dentro do culto permanente que é o capitalismo. Este texto inicial, portanto, informa com precisão o argumento que será levado adiante nos ensaios subsequentes ao apontar como, por meio da heterodoxia e da leitura profana de autores diversos, Benjamin pôde compor uma crítica materialista própria, capaz de responder tanto ao fascismo quanto aos limites da esquerda de sua época. Desta maneira, nos quatro ensaios que seguem, Löwy observará como Benjamin se relacionou com outras tradições teóricas: Karl Marx, o messianismo judaico via Scholem, o anarquismo e o surrealismo.

O ponto de chegada dessas elaborações serão os sexto e sétimo ensaios que compõem a coletânea e que tratam da obra madura de Benjamin, na qual este influxo heterodoxo e contraditório de tradições distintas parece encontrar a sua síntese. O sexto ensaio, sobre o *Das Passagen-Werk*, deixa claro o movimento de arrancar Benjamin do conformismo ao qual ele vem sendo subjugado. Partindo do pressuposto de que o espaço urbano como lugar estratégico do combate de classes é um aspecto negligenciado dos estudos sobre a obra de Benjamin, Löwy explicita como o projeto das *Passagens* tem, na Paris do século XIX, a síntese das tensões constitutivas da modernidade. O sociólogo lança um olhar preciso para trechos ignorados por grande parte dos intérpretes, a saber, as reflexões sobre as barricadas e insurreições contra Napoleão III, sobre a haussmannização e sobre a Comuna de Paris. Sendo assim, longe de limitar o *Passagens* apenas a uma apresentação da burguesia congelada nas figuras do *flâneur*, do *dândi* e do homem das multidões, Löwy demonstra como estas figuras já tradicionais dos estudos sobre Benjamin deveriam ser tratadas tendo em vista a luta de classes.

Já o ensaio subsequente pensa a relação entre teologia e antifascismo, tendo como objeto principal as teses “Sobre o conceito de história”, de 1940. Recuperando alguns argumentos de seu livro *Walter Benjamin: aviso de incêndio* (2005), Löwy pensa o método benjaminiano de leitura da história a partir de sua componente anticapitalista, que casa materialismo e messianismo para se opor tanto à teleologia da social democracia quanto ao fascismo. A leitura do ensaio ainda torna evidente como o antifascismo de Benjamin é caro ao nosso presente imediato: o assombro com a ascensão de Hitler que o filósofo, na década de 1940, diagnosticava em seus contemporâneos, parece muito próximo ao assombro que hoje, em 2020, muitos experimentaram com as formas reatualizadas do fascismo. Apesar das necessárias mediações temporais e geográficas, ao demonstrar como Benjamin considera que a confiança geral e irrestrita em relação à civilização capitalista industrial moderna seria o fenômeno que possibilitou a ascensão de figuras como Hitler, Mussolini e Franco, a leitura do ensaio de Löwy nos esclarece (indiretamente) que o mesmo fenômeno, apesar de suas novas roupagens, tornou possível a ascensão de Bolsonaro, Trump e Orban.

Os dois ensaios finais da coletânea trazem exemplos de aplicação da metodologia benjaminiana de leitura da história. No oitavo ensaio, partindo dos eventos comemorativos dos 500 anos da “descoberta” das Américas, Löwy elabora uma leitura a contrapelo da história da América Latina a partir do ponto de vista dos vencidos. Já no nono ensaio, que dá nome à coletânea, o autor lê no progresso técnico do século XXI uma locomotiva que se encaminha para o abismo: a catástrofe ambiental. Publicado originalmente em 2016, o ensaio propõe que acionemos o “aviso de emergência”. Não deixa de ser triste ler no alerta ainda recente de Löwy, o nosso já conhecido destino catastrófico. Para citar alguns dos muitos eventos que se deram nestes curtos quatro anos, podemos nos lembrar dos incidentes de Mariana e Brumadinho, dos incêndios na Amazônia e na Austrália, dos ciclones em Moçambique, Zimbábue e Maláui e, mais recentemente, da pandemia do Covid-19. O que estas catástrofes têm em comum é justamente o fato de serem diretamente causadas pela atuação predatória do progresso técnico sobre o meio.

Afora os nove ensaios que compõe a edição original francesa, a brasileira ainda conta com uma entrevista concedida por Löwy a Colosso, seu tradutor, em que questões relevantes ao leitor brasileiro são esclarecidas. Cabe destacar aqui a pergunta final, quando é levantada a possibilidade de uma abertura messiânica hoje. A revolução parece inviável? Talvez. Mas Löwy não termina sua entrevista em tom catastrófico. Sem ilusões otimistas, o sociólogo recupera a mesma proposição feita por Benjamin há mais de 90 anos: organizar o pessimismo. Devemos estar conscientes de que somos passageiros deste trem que corre em direção ao abismo para acionarmos o freio de emergência. Se já não sabemos se ainda é possível a revolução, Löwy nos lembra das palavras de Brecht: “quem luta pode perder; quem não luta já perdeu [...]”.